

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS FEDERAIS ISOLADAS DO ESTADO DA GUANABARA
BOLETIM SEMANAL Nº 47
03 DE NOVEMBRO DE 1972
PARA CONHECIMENTO DA FEDERAÇÃO E DEVIDA EXECUÇÃO, PUBLICO O SEGUINTE(

1ª PARTE - LEGISLAÇÃO E NORMAS

I - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - TRANSCRIÇÃO

a) - Do D.O, nº 202, de 23.10.72, transcreve-se o seguinte:

Dispensa de Ponto

O Senhor Presidente da República autorizou sejam dispensados do ponto, nos termos do Decreto nº 61.998, de 28 de dezembro de 1967, os funcionários públicos federais, da administração direta e das autarquias que, comprovadamente, comparecerem aos seguintes Conclaves:

I Jornada de Técnica Radiológica da Guanabara - De 04 a 08.11.72, no Rio de Janeiro (GB) - PR 80363 de 1972 - EM 234.72, do MS.

29ª. Semana do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo - De 04 a 08.12.72, em Salvador (BA) - PR 8.364 -72 - EM 235-72 . do MS.

II - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Do D.O. nº 201, de 20.10.72, transcreve-se o seguinte:

Aposentadoria

Processo nº 34.504 - Nilton Salles

2ª PARTE - ENSINO

III - ARTE E CIRURGIA

"A cultura exige do homem a renúncia a grande parte de sua vida instintiva, que só será possível pela sublimação da libido, embora isto condicione situações muitas vezes conflitantes e prejudiciais a sua felicidade e vida intra-psíquica.

Quando, do ponto de vista econômico, a distribuição da "Catexe" se faz harmonicamente, é possível à espécie humana sua plena realização afetiva e auto-preservação. Diante das exigências sócio-culturais, há sempre uma carga afetiva estrangulada, que pode levar o indivíduo a não se adaptar ao meio em que vive. Só lhe restam duas alternativas: adoecer pela alienação que e o recurso passivo aos riscos que lhe impõe o meio social ou tentar superar sua limitação, através da libertação interior, procurada e encontrada na criatividade, cuja expressão mais autêntica é a arte. Seria o reencontro com a beleza cuja origem procuraremos explicar, esquecendo o desenvolvimento filogenético e acompanhando apenas o ontogenético. Hoje sabemos, todos os homens de cultura, que o equilíbrio emocional ou afetivo tem que ser procurado desde o nascimento, caracterizando o amor desde sua formação. Já ao nascer, o homem sofre o primeiro impacto ao ser separado da mãe, num conjunto de eventos que foram reunidos por OTTO RANK, como traumatismo do nascimento. Assim, o sofrimento da fase expulsiva do parto, a abertura da passagem do útero para o meio exterior com o sofrimento fetal, mais ou menos pronunciado, a respiração inaugurando a função pulmonar e a secção do cordão umbilical separando o feto da mãe, teria expressão no sofrimento inicial, traduzido pelo primeiro vagido. Estas noções já foram incorporadas ao conhecimento popular como parte da psicologia profana. Já o vulgo acha de mau presságio o nascimento sem "choro" e não deixa de ter razão quando considera "sorte" ou "privilégio" o nascimento na posição de nádegas, como, se isso tivesse tradução simbólica do fato biológico da poupança cefálica na luta inicial. Nesta fase, o recém-nato é só instinto e está representado apenas pelo Id, cujas exigências são de satisfação imediata ou onipotente. Assim, o lactente precisa ser atendido na sua exigência inicial de ser alimentado e abrigado pelo carinho materno ou seu sub rogado. É o seio, portanto, ou seu substituto, o primeiro objeto parcial de amor, do qual tem conhecimento. Só ao fim de alguns meses, consegue reconhecer o objeto total de afeto ou pessoa. A primeira que estabelece contacto afetivo com o lactente é a mãe, que passa, portanto, a representar o objeto total de afeto inicial. Como o conhecimento ou a razão ou a consciência do lactente, praticamente não existe nos primeiros meses, a assimilação das pessoas vai se fazendo por incorporação, introjeção ou empatia, fixando as imagens, sem capacidade de examina-las ou julga-las. Seu julgamento é irracional e se faz de acordo com o pronto atendimento de suas necessidades instintivas, principalmente de alimentação. Não há dúvida que a satisfação oral da alimentação não traduz só a necessidade do alimento como satisfação de fome. Há uma gratificação certamente de amor inicial que dará, na vida futura, o módulo afetivo do homem. O homem culto de hoje não pode mais desconhecer que não seria aceitável explicar que as funções gerais se desenvolvem progressivamente desde o nascimento e que só a vida afetiva teria um tempo de espera ditado mais pela nossa incompreensão do que pela provável realidade infantil. Outro ponto que não

mereceu ainda a aceitação total e sem restrições é o da sexualidade nesta fase oral de incorporação do afeto por empatia ou introjeção. Parece-nos que o principal motivo é a confusão de sexualidade com genitalidade. Seria bem mais fácil se traduzissemos sexualidade por amor e não por genitalidade. A procura da beleza está, sem dúvida alguma, condicionada a este tipo de relacionamento inicial, sempre carente ou desejado no espírito de criatividade do artista em sua sublimação, com vistas a servir à cultura. As preferências lúdicas da criança expressam de modo bastante significativo as tendências afetivas futuras. O acompanhamento destas tendências pode ser feito nas várias fases (a criança que de acordo com a pedagogia moderna, a orientação psicológica poderá contribuir para diminuir o número de crianças "problema", como também reconhecer e orientar as atividades futuras, pelo desenvolvimento das predileções. Não há dúvida que os futuros artistas criadores manifestem suas tendências desde cedo e, na convivência escolar, elas se tornam mais nítidas, não só pela escolha e seleção dos jogos (atividade lúdica) como no maior interesse pelos assuntos que versem sobre as matérias de maior conteúdo afetivo romântico e com acentuadas apresentações plásticas. É o mesmo prazer de lidar com modelagem, moldando a terra antes da fase escolar e a massa que lhe é fornecida na escola que continua na vida adulta através da escultura, da pintura e da colagem. É o mesmo apego pela carga afetiva das primeiras canções que lhe acalentaram os primeiros dias, que despertarão o entusiasmo extasiante diante da musicalidade real e temporal, fazendo ressurgir o incorporado ao seu inconsciente, prenhe de representações primitivas. É a mesma beleza idealizada e fantasiada pelo poeta, que ele procura reproduzir, voltando a épocas pretéritas e conseguindo viver em dois mundos diversos: o da realidade e o da fantasia. O escultor e o pintor vivem a arte individualmente; desempenham-se tirando da pedra o primeiro e acrescentando à tela o segundo ambos para criar. Por mais que se esforcem, comunicam-nos o que já fizeram de belo. O poeta tem mais liberdade de movimento; lida com um sem número de palavras e pode verbalizar o que sente na palavra escrita ou falada, embora sempre perca na expressão. O trabalho dos três se caracteriza, principalmente pela vivência e participação total do que fazem, sem qualquer alienação. É sempre o trabalho individual de libertação. O músico é o artista que dispõe de mais oportunidades para mobilizar sua criatividade isolada e de grupo. Consegue, também, uma comunicação direta no desempenho; nós ouvimos a música que ele está tocando, com o dinamismo do som que é sempre atual. A possibilidade de reprodução do som é permanente, tanto em discos, em fitas gravadas ou outros meios de reprodução. A escultura e a pintura, que apreciamos, o livro que lemos nunca nos podem fazer sentir a presença da música, que praticamente não precisa de qualquer esforço de elaboração ou racionalização, porque ela é mais sentida do que compreendida; mais vivida do que analisada, mais incorporada do que examinada. A reunião de músicos no desempenho sempre engrandece o espetáculo. Por mais que apreciemos um solo instrumental, não podemos deixar de nos elevarmos, multiplicando nossa aceitação, quando assistimos à atuação soberba de uma orquestra sinfônica. A cirurgia não poderá nunca ser agressiva em seus objetivos; não poderá deixar de ser nunca a procura da beleza em seu fim e atuação, embora o tenha que fazer com alguma decisão na infelizmente ainda necessária cirurgia mutiladora, que sempre desagrada e deprime o artista. Não há cirurgião que a pratique e que não tenha feito seu movimento intrapsíquico, acertando sua posição interna que o faz sentir agressivo em relação a doença, com o objetivo de preservar o indivíduo. Também todo o homem bem informado sabe, de experiência própria, que a ansiedade sempre diminui quando reduzimos a agressividade. A Cirurgia tem muito da arte de cada atividade que citamos. Relaciona-se intimamente com a escultura, porque lida plasticamente com o tecido humano criando formas melhoradas do ponto de vista estético, como na cirurgia plástica, cosmética e reparadora, bem como atuando plasticamente para corrigir ou melhorar funções orgânicas indispensáveis. Assim, a atuação plástica pode ter vistas a melhorar a estética, como nas rinoplastias, na mudança da forma visando a beleza; corrigir deformidades como nas cicatrizes após queimaduras, mal formações congênitas e também pode ter vistas a corrigir funções por operações plásticas de esôfago, troca de válvulas cardíacas, substituição e transplante de órgãos. Poderíamos situar a cirurgia entre a escultura e a pintura, principalmente levando em conta o instrumental de trabalho e a natureza do material em que labutamos. É evidente que a delicadeza de nossos gestos nos aproxima muito mais da pintura do que da escultura, embora quanto ao objeto, estejamos mais próximos da escultura pela modelagem de forma. Como lidamos e plasmamos o elemento vivo humano, dinamicamente estamos bem avizinhamos com a música que sempre revive quando executada é tem na sua expressão de movimento o que falta na estética, embora belíssima, da escultura e da pintura. Há, como sinto, numerosos contatos entre a beleza da música e da cirurgia, mesmo que difiram em objetivos visados. O músico cria beleza na própria execução que é, em grande parte, criação pessoal, não precisando ser originalmente sua, para apresentar criatividade, que estará na execução. O mesmo acontece com o cirurgião, que pode produzir beleza na execução sem que a operação tenha sido criada originalmente por ele. Portanto, no desempenho, vemos muita coisa de semelhante quanto à parte afetiva. É um trabalho de grupo em ambas as atividades, com todas as implicações decorrentes. Há um nítido componente afetivo no relacionamento interpessoal do grupo, resultante principalmente da participação emocional de todos, já que, em trabalho de grupo, não podemos admitir alienação. Nosso teatro é o hospital; nosso palco é a sala de operações nosso instrumental é manipulado diretamente pelas nossas mãos; nossa execução é sincronizada como uma pequena orquestra, nossa musicalidade é interior; nossos objetivos é que são diversos. A arte cirúrgica tem por meta o

doente, enquanto que a música é o objetivo em si. Quem vai assisti-la é a massa selecionada que só comparece para ouvir a música; nós não temos a massa como platéia; nossa assistência é só de técnicos. Na eloquência do nosso silêncio, está toda a musicalidade da arte que colocamos no desempenho, embora auferidos os conhecimentos na ciência. Na fusão e na condensação de ciência e arte está o segredo do nosso sucesso."

(a) Prof. Lúcio Vila Nova Galvão e Célida Campos.

3ª PARTE – PESSOAL - Sem alteração.

4ª PARTE – ADMINISTRAÇÃO - Sem alteração.

5ª PARTE - NOTICIÁRIO

IV - TELEGRAMA - TRANSCRIÇÃO

Esta Presidência recebeu o telegrama abaixo transcrito:

" AGRADEÇO GENTILEZA CONVITE SOLENIDADE POSSE PROFESSORES JOSEH MARIA BEZERRA PAIVA ET PERNAMBUCO GAGO SACADURA OLIVEIRA CARGOS DIRETOR ET VICE ESCOLA TEATRO PT NESTA OPORTUNIDADE CONGRATULO ME ESSA ESCOLHA NOMES DIREÇÃO ESCOLA ET SOLICITO TRANSMITIR ILUSTRES PROFESSORES VOTOS ÊXITO DESEMPENHO ELEVADAS FUNÇÕES PT CORDIALMENTE PROFESSOR. WALTER DE MOURA CANTIDIO REITOR UFC "

V - TRANSCRIÇÃO DE OFÍCIOS

a) - Do Diretor do Instituto de Florestas da U.F.R.R.J.

"Comunico a Vossa Senhoria que por Decreto de 03/08/72 de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, publicado no Diário Oficial de 04/08/72, fui nomeado para exercer o Cargo em Comissão de Diretor do Instituto de Florestas desta Universidade, tendo tomado posse e entrado em exercício no dia 09/08/72.

2. No ensejo da presente comunicação, coloco ao inteiro dispor de Vossa Senhoria os préstimos desta Diretoria.

Cordiais Saudações"

(a) Hélio Barreto - Diretor

b) - Do Diretor da Escola de Biblioteconomia e Documentação da F.E.F.I.E.G.:

"Senhor Presidente

Tenho a honra de comunicar a V.Exa., que no dia 14 de dezembro de 1972, às 18.00 horas, na Igreja da Catedral Centro, será oficiada a missa em regozijo pela formatura dos bacharelados em Biblioteconomia desta Escola e a colação de grau efetuar-se-á às 20.00 horas do mesmo dia, no auditório do Ministério da Educação e Cultura.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exa., os meus protestos de estima e consideração.

(a) Prof. Antonio Caetano Dias - Diretor

6ª PARTE - DISCIPLINA E JUSTIÇA - Sem alteração.

(a) Alberto Soares de Meirelles

Presidente

Confere com o original

Álvaro Velloso dos Santos

Secretario Geral